

## SIMPÓSIO AT039

### A LINGUAGEM DOS PICHADORES E GRAFITEIROS: O DITO E O NÃO-DITO

BARBOSA, José Lucas do Nascimento

Professor de Língua Inglesa do CCAA, Aluno do curso de Letras da FAESC -  
Faculdade da Escada e ex-intercambista do PGM - Programa Ganhe o Mundo.  
joselucasnb7@gmail.com

SANTOS, Rosilda Maria Araújo Silva dos

Professora da rede estadual, municipal e da FAESC - Faculdade da Escada, mestre  
em Ciências da Linguagem pela UNICAP (2010), doutoranda em Linguística pela  
Universidade de Évora/Portugal e membro efetivo da Academia Escadense de Letras.

**Resumo:** Considerada por alguns como uma diversão, para outros, a pichação é um ato de vandalismo ou até mesmo protesto na sociedade. Já o grafite possui vários estilos e é interpretado como obra artística, pois satisfaz pessoas de diferentes comportamentos. Diante deste cenário, esta pesquisa analisou aspectos linguísticos e extralinguísticos em linguagens visuais para perceber mensagens implícitas já que esta é a problemática, tendo como hipótese preliminar que há ideologia, emoção ou crítica social nessas linguagens. Para isso, utilizou-se como procedimento metodológico de entrevistas estruturadas com pichadores e grafiteiros e pesquisas bibliográficas. Para amparar teoricamente contou-se com Foucault (2014) ao discorrer sobre a ordem do discurso, Orlandi (2010) discutindo sobre as diferentes formas do não-dizer e Koch (2015) analisando a inter-relação que a linguagem possui. Enfim, esta pesquisa obteve como resultados a ampliação da visão em relação ao grafite e a pichação, além de contribuir para o avanço da ciência socializando desfechos em eventos científicos e realizando oficinas em escolas para desmistificar a ideia de que as pichações e os grafites são facínoras.

**Palavras-chave:** pichações, grafite e preconceito.

**Abstract:** Considered by some as a form of entertainment, for others, graffiti is an act of vandalism or even protest in society. Given this scenario, this research analyzed linguistic and extralinguistic aspects in visual languages in attempt to perceive their implicit messages since this is the research problem; it has as a preliminary hypothesis that there is ideology, emotion or social criticism in these languages; So, to this purpose, it was used as methodological procedure structured interviews with graffiti artists and bibliographical researches. As theoretical support, Foucault (2014), discussing the order of discourse, Orlandi (2010), discussing the different forms of non-saying, Koch (2015), analyzing the interrelationship of language. Finally, this research has helped people achieve an open-minded point of view regarding graffiti, as well as contributed to the advancement of science by socializing its outcomes in scientific events and workshops in schools to demystify the idea that graffiti has a harmful influence.

**Keywords:** language, graffiti, prejudice.

## INTRODUÇÃO

Com o passar dos anos, a humanidade, que está em constante evolução, passa a produzir ou até mesmo sofisticar aquilo que se torna essencial para si: formas de comunicação. Com isso, os desenhos que antes eram produzidos de forma primitiva (nas cavernas) passam a ser desenvolvidos com mais detalhes em sua estrutura, assumindo novas formas: o grafite e a pichação, por exemplo.

O grafite é expresso através de desenhos e/ou palavras que se interligam, mostrando e representando o que o autor deseja manifestar, enquanto a pichação, segundo Simão (2017, p. 34), “pode ser qualquer rabisco feito em propriedades sem autorização”. Contudo, o autor mostra que existe uma prática um pouco semelhante com essa última feita em São Paulo há 30 anos, a qual tem um formato gráfico específico bem pontiagudo, conhecido como “tag-reto”, mas que o autor nomeia “pixação”.

Diante disso, este artigo tem como objetivo divulgar resultados de uma pesquisa realizada com grafiteiros e pichadores, na qual aspectos linguísticos e extralinguísticos foram analisados no discurso dessas formas de linguagens visuais para perceber as mensagens implícitas uma vez que esta é a problemática. Esta inquietação tem como hipótese preliminar que há uma ideologia, um estado emocional ou crítica social presentes nessas linguagens e para que fossem investigados, foram utilizados como procedimentos metodológicos entrevistas estruturadas com pichadores e grafiteiros que serviram como corpus de análise para melhor compreensão, além de pesquisas bibliográficas.

Para se fundamentar teoricamente, contou-se com Foucault (2014), ao discorrer sobre a ordem do discurso, Orlandi (2010), ao discutir sobre as diferentes formas do não-dizer e Koch (2015), ao analisar a inter-relação que a linguagem possui.

Por fim, este estudo não só obteve como resultados a ampliação da visão em relação ao grafite e à pichação, mas também pretende obter a

socialização do que foi obtido em eventos científicos, oficinas em escolas e associações de bairros para minimizar o preconceito existente contra essa forma de linguagem considerada facínora.

## 1. LÍNGUA, LINGUAGEM, DISCURSO: CONCEPÇÕES PRELIMINARES

Numa primeira perspectiva, pode-se definir *linguagem* como qualquer forma de comunicação. Fundamentando-se em Bechara (2015, p. 30), entende-se que a linguagem é um conjunto organizado de símbolos que são utilizados para manifestar aquilo que está contido na consciência dos participantes que interagem durante atividades comunicativas (como a linguagem teatral, os desenhos, as mímicas, os sinais de trânsito, a escrita/fala, um olhar, etc.). É essa característica da linguagem que a faz ser tão diversificada, ou seja, apresentar-se de várias formas, não iguais, mas diferentes como bem classificou o pai da linguística moderna, Saussure (2012, p. 41): “A linguagem é multiforme e heteróclita”.

À vista disso, à luz de Koch, tem-se uma perspectiva histórica de como o homem tem concebido a linguagem:

A linguagem humana tem sido concebida, no curso da história, de maneiras bastante diversas, que podem ser sintetizadas em três principais: A. Como representação (espelho) do mundo e do pensamento. B. como instrumento (ferramenta) de comunicação. C. como forma (lugar) de ação e interação. (KOCK, 2015, p.7).

Ela explica, em um primeiro momento, que surgiu no homem o desejo de mostrar como as coisas são: a criatividade é percebida. Em seguida, a atenção é voltada para uma intercomunicação social, todavia, o foco ainda é apenas a transmissão de conteúdo. Por fim, porém mais relevante, a linguagem é uma atividade humana articulada de diversos atos entre indivíduos a fim de serem obtidos seus propósitos pré-espereado ou não: poder intersubjetivo que o homem tem através da linguagem.

Como o mundo está repleto de linguagem, é possível encontrar uma forma de interação social bastante peculiar: a *língua*, que Saussure (2012, p.

41) a define como um sistema estruturado (contendo seus elementos organizados, cada um com seu valor e função) que vai além do individual, ou seja, um conhecimento internalizado que os indivíduos de uma sociedade possuem, permitindo que se entendam (língua no plano social), que Barthes (2012, p.22) comenta que ela, assim, o é devido a seus usuários não poderem exercer mudanças (individual e diretamente) na língua como “nem criá-la nem modificá-la”.

Por receberem influências culturais e históricas, Bechara (2015, p.39) especifica características internas à língua, que possibilitam ao usuário perceber certas diferenças: A primeira é o que ele chama de “diatópica” – os espaços geográficos. A segunda é “diastrática” – referente ao nível socioeconômico em que o falante vive. E por fim, a terceira é a “diafásica” – dependendo da situação do falar, o nível estilístico da expressão é alterado, exemplo dessa mudança pode ser a língua escrita e a falada, ou, a língua mais usual, coloquial e a literária.

Saussure (2012, p.45) esclarece que a língua pode ser manifestada, também, de uma forma mais particular, individual: a **fala**. Entretanto, Pêcheux (1997, p.71-72) destaca a separação feita por Saussure ao distanciar a necessidade de encontrar uma função para a língua, ressaltando que se ela é um sistema, seu funcionamento deve ser descrito por uma ciência. Ele enfatiza que a fala, enquanto uso da língua, aparece como um caminho da liberdade humana, pois avança no caminho estranho que conduz dos fonemas ao discurso, é passar *gradatim* da necessidade do sistema à contingência da liberdade.

Melhor dizendo, a fala, nessa linha de pesquisa, não retrata o processo fonético-fonológico da língua, mas sim que os sujeitos (que compartilham socialmente a língua antes citada) se apropriam dela a fim de expor seu pensamento pessoal. Contudo, A construção dessa comunicação (um alguém que fala para outro indivíduo sobre algo) não pode ser vista de forma separada da sociedade, resultando, portanto, nos **discursos**.

Assim, pode-se entender que todo enunciado (o que se foi declarado, exposto), dependendo da escolha/posicionamento “individual” perante ele,

pode transformá-lo em outro diferente no intuito de realizar uma intenção num determinado discurso. Pêcheux percebe esse posicionamento como a ideologia – força motriz do discurso:

As palavras, expressões, proposições... mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é em relação às formações ideológicas (PÊCHEUX 1995, p.160).

Diante dessa visão, alguém pode pensar que está livre para se utilizar de qualquer discurso em qualquer lugar, contudo, como existe ideologia nos discursos, geralmente percebe-se em alguns uma veiculação com o poder/persuasão (discursos políticos, religiosos, etc.), fazendo com que os discursos, segundo Foucault (2014, p. 8), passem por procedimentos de controle, seleção e organização:

Em uma sociedade como a nossa, conhecemos, é certo, procedimentos de exclusão... Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa. Tabu do objeto, ritual da circunstância, direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala: temos aí o jogo de três tipos de interdição que se cruzam, se reforçando ou se compensam, formando uma grade complexa que não cessa de se modificar (FOUCAULT 2014, p. 9).

Portanto, analisar esses discursos “menores” como a pichação, por exemplo, é uma tentativa de perceber o que se é dito e o que se encontra implícito, ou seja, é identificar que indivíduos que vivem em grupos são seres sóciodiscursivos, que as produções de discursos numa sociedade revelam como seus participantes (locutor e alocutário) são, na verdade, sujeitos ideológicos, quer seja explícita ou implicitamente.

## 2. PICHAGENS E GRAFITES: UMA LINGUAGEM INTERDISCURSIVA?

Não se pode falar sobre a interdiscursividade sem usar como amparato teórico o círculo bakhtiniano, uma vez que foi o precursor da ideia de que a relação com o outro é o fundamento da interdiscursividade, isto é, o objeto de estudo está nas relações dialógicas, em outros termos, a obra do Círculo

Bakhtiniano se propõe a estudar o diálogo entre enunciados e as relações semânticas entre eles, ou seja, a relação dialógica é uma relação semântica.



Sendo assim, a palavra só pertence ao locutor quando a produz e a dirige a alguém, consolidando-se a interação como produto desta ação e Fiorin (2010) ainda destaca que o dialogismo não está restrito ao diálogo, interação face a face, mas sim apenas uma forma composicional em que ocorrem relações dialógicas e nem existe dialogismo entre interlocutores, sendo este sempre entre discursos: o do locutor e o do interlocutor. O autor ainda acentua que sobre a conceituação da interdiscursividade, concorda com Bakhtin ([1979], 2003, 319) ao afirmar que “[...] todo discurso dialoga com outro discurso e toda palavra é cercada de outras palavras”, logo não há discurso neutro, nem genuíno, pois todo discurso se relaciona com outros discursos que semiotizam o mundo.

Assim, ao se conceber a pichação e/ou grafite como uma manifestação linguística e fazendo a leitura dessa expressão é possível notar a interdiscursividade, pois esse fenômeno não acontece por acaso. Orlandi (2004, p.13) mostra os espaços urbanos como sendo, para os pichadores e grafiteiro, o ambiente para o grito expressivo deles, ou seja, os seus discursos se casam não só com suas histórias, mas também como uma espécie de busca de identidade sua e de seu espaço social de modo a uma conscientização.

Assim, um grafite, por exemplo, faz uma referência fora do ambiente discursivo, uma vez que os conhecimentos de mundo o enquadram, de forma intencional, mais “explícita ou implícita” como cita a autora. Diante disso, para comprovação, se apresentará uma análise de grafites e de uma pichação encontradas na Praça Santa Filonila, Av. Zenóbio Lins, na cidade de Escada-PE, a qual servirá para evidenciar a ideologia nos discursos de paredes e muros, como também a interdiscursividade presente em cada um.

### 3. QUADRO DE ANÁLISE



	<p>Na <b>figura 1</b>, indignação referente à situação política brasileira. A interpretação, através da referenciação exofórica (fora do texto), será mais expressiva, graças ao conhecimento de mundo do leitor, o qual entende que a mensagem ataca o presidente atual da época (2017).</p>
	<p>Na <b>figura 3</b>, possível interdiscursividade com a música “direitos iguais” do grupo Ponto de Equilíbrio. No desenho, vê-se o índio sofrendo uma espécie de agressão por parte de força maior, ou seja, uma autoridade que se assemelha a um político. Na canção, o grupo chama atenção para os direitos iguais e justiça do povo tupi que, segundo ele, “até hoje não tem o que é seu... Agora querem exterminar de vez com o que restou”.</p>

#### 4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram entrevistados pichadores e grafiteiros das cidades de Olinda (Artista 1) e Casa Caiada (Artista 2) por meio de redes sociais.

<b><u>PERGUNTA</u></b>	<b><i>Você considera a pichação e/ou grafite como uma forma de vandalismo?</i></b>
<b>ARTISTA 1</b>	A arte em si não é vandalismo. O sistema diz que sim.
<b>ARTISTA 2</b>	Não considero o grafite vandalismo... A Pichação, sim, se estiver destruindo algo.
<b><u>PERGUNTA</u></b>	<b><i>Qual a importância que a pichação e/ou grafite tem para a sociedade?</i></b>
<b>ARTISTA 1</b>	É a arte que traz o ensinamento... Na arte manifestada.
<b>ARTISTA 2</b>	Forma de protesto (diretas já, por exemplo). E embelezar a cidade quando bem intencionado.
<b><u>PERGUNTA</u></b>	<b><i>O que mais te inspira na hora de criar um grafite? E na pichação?</i></b>
<b>ARTISTA 1</b>	A força de querer mudar o sistema.
<b>ARTISTA 2</b>	Em meu trabalho “Arte na Medicina”, sempre é inspirado em temas que remetem cuidado com a saúde.

Essa entrevista possibilitou que se percebesse que os artistas consideram essa forma de expressão uma arte e que além de servir como uma

ferramenta de protesto, indignação social, ela serve também para homenagear alguém próximo ou alguém de destaque social. É Interessante ver que um deles colocou o grafite com um qualificador da paisagem urbana. Assim, tanto o grafite quanto a pichação apresentam dentro do seu discurso um outro, que está no âmbito social que ajuda a configurar a mensagem expressada nos desenhos e nos textos verbais.

## CONCLUSÃO

A linguagem não se prende a signos verbais unicamente, pois vai além e alcança outras dimensões de expressividade, como nos grafites, pichações, gestos, etc. O homem, como sendo agente dessa forma de expressão, despeja uma carga subjetiva naquilo que produz quer através de um pensamento ideológico, quer através de forças sentimentais como homenagens e declarações, por exemplo.

Os discursos presentes nas pichações e nos grafites não se configuram no plano literal de sua mensagem unicamente, mas dialogam entre si dentro de um contexto social, histórico, político, cultural, etc. Portanto, não se pode firmar uma certeza generalizada que há cunho preconceituoso sobre essas formas de expressões: grafite e pichação, por isso entende-se que elas também servem de voz para uma classe menor que se apropria do grafite e da pichação no intuito subjetivo/ideológico de expor suas indignações, seus gritos de protestos e admirações perante a sociedade.

## REFÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação Verbal**. 4ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, ([1979], 2003).

BARTHES, Roland. **Elementos de Semiologia**. Tradução de Izidoro Blikstein. – 19ª. Ed. – São Paulo: Cultrix, 2012.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 38. Ed. Rev. Ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.